



Meios de Comunicação e Educação: reflexões sobre a televisão na escola¹

Jucieude de Lucena Evangelista²

Márcia de Oliveira Pinto³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo

Este trabalho baseia-se na pesquisa desenvolvida pelo projeto de iniciação científica *A Televisão na Escola* que tem como objetivo pesquisar o consumo e a mediação da televisão por parte dos professores da escola pública e privada no município de Mossoró/RN. Neste sentido buscamos diagnosticar como os professores utilizam o conteúdo da televisão em sala de aula e assim compreender como as representações da realidade construídas por esse meio de comunicação estão sendo trabalhadas na escola através da mediação dos professores.

Palavras-chave:

Comunicação; Estudos Culturais; Televisão; Educação.

O papel formador que a televisão pode exercer junto à população brasileira devido a sua condição de principal meio de comunicação do Brasil foi o ponto de partida para nossas inquietações. O interesse por esse tema surgiu em 2007 durante uma oficina realizada dentro do projeto Direitos Humanos em Tempos de Desumanização, projeto de extensão do Departamento de Educação do Campus Avançado Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A oficina intitulada, *Mídia e Direitos Humanos* abordou a questão dos direitos humanos a partir da reflexão sobre o direito à comunicação e a democratização de seus meios, em especial sobre a televisão. Duas questões principais balizaram nossas discussões na oficina: qual o papel que a televisão tem em nossa sociedade? A televisão cumpre com o seu papel? A partir destas questões pretendíamos desenvolver a reflexão sobre os meios de comunicação como espaço público e a noção de direito à comunicação em contraste com a noção de *liberdade de informação*. Esta última muitas vezes é usada como sinônimo da primeira, porém, entendemos que a segunda noção

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

³ Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

preserva a dicotomia emissor/receptor, colocando um como aquele que gera e faz circular a informação e o outro como o que a recebe ou consome. Mesmo que do lado do receptor estejam implicados processos de participação criativa na produção de sentidos no momento da recepção, a noção *liberdade de informação* omite a idéia da participação do cidadão na outra ponta, também como agente da produção simbólica.

Um aspecto que nos chamou atenção durante a oficina foi o fato de haver um certo consenso entre os participantes em torno da compreensão de que uma emissora de televisão é uma empresa capitalista como qualquer outra, e, neste sentido, cumpriria bem o seu papel, pois ela existe em função de obter lucro com sua atividade. Isto nos leva ao entendimento de que para aqueles sujeitos, o espaço comunicacional da televisão seria algo pertencente à esfera privada. Esta perspectiva representa a tendência ideológica *estadunidense*, apontada por Canclini (2006), que considera o rádio, a televisão e demais circuitos de comunicação de massa apenas como negócio. Esta perspectiva não só exclui o cidadão do direito de participação nos processos de produção simbólica, mas, de acordo com o autor, também o exclui da reflexão sobre as comunicações e suas relações com a produção e a transmissão cultural.

Faz-se necessário, que nós, pesquisadores, realizemos a análise cuidadosa da remodelação dos espaços públicos e dos dispositivos que se perdem ou se recriam para o reconhecimento ou a proscricção das múltiplas vozes presentes em cada sociedade (CANCLINI, 2006, p. 18).

Além do indício de que o direito à comunicação é entendido como bem privado e não como bem público o que instigou nossa observação foi o fato de que, a maioria dos participantes da oficina e dos que concordaram com esta perspectiva eram professores do ensino médio. Desta observação surgiram alguns questionamentos: como os professores percebem e consomem a televisão? Como a televisão e seus conteúdos podem estar presentes na sala de aula através dos professores? Que conteúdos os professores consomem? E, se os professores discutem com seus alunos sobre o que eles vêem na televisão. Entendemos que a percepção da televisão como espaço privado pode ter uma influência importante sobre a formação da opinião pública, sobre o acesso à produção cultural, sobre a idéia de liberdade de expressão e de democracia. Nossa atenção se volta para o estudo do consumo de televisão por parte dos professores porque entendemos que as mediações operadas por eles podem atuar sobre a percepção e sobre o entendimento que seus alunos têm a respeito da produção simbólica gerada pela

televisão. Os professores podem se apropriar pedagogicamente do consumo de televisão para o processo de ensino e aprendizagem, tanto no que se refere aos conteúdos curriculares, como à construção da visão de mundo dos adolescentes.

A televisão é o principal meio de informação e de entretenimento dos brasileiros, dados de 2008 revelam que a televisão estava presente em 95,1 %⁴ dos lares do país. É através dela que a maior parte da população toma conhecimento do que acontece no Brasil e no mundo, portanto, é um meio de extrema importância para a circulação de idéias, para a transmissão cultural e para a representação das diferentes realidades existentes em nível local, regional, nacional e internacional, desempenhando assim, um importante papel formador, pois a informação que ela veicula atua diretamente sobre a construção de visões de mundo, sobre a formação da opinião em relação a temas de interesse coletivo e sobre a produção cultural.

Segundo o Instituto de Pesquisas em Comunicação – EPCOM, 81% dos brasileiros assistem televisão todos os dias e gastam em média 3,5 horas por dia diante da TV⁵. Entre os professores 74,3% dos docentes afirmam que assistem TV diariamente e 52,0% (Unesco, 2004). De acordo com estes dados, tanto professores como estudantes em diferentes níveis de ensino devem consumir algum tipo de produção televisiva praticamente todos os dias. Baseado nisso acreditamos que professores e alunos compartilham o consumo de boa parte dos conteúdos veiculados pela televisão. Estes dados revelam que a transmissão cultural e o fluxo de informações que circulam entre estudantes e professores a partir do consumo da televisão, constituem mediações importantes para pensar não só a recepção das mensagens televisivas, mas também para pensar as relações entre meios de comunicação, educação e cotidiano.

Como não considerar um meio de comunicação tão presente nas nossas vidas para refletir sobre a comunicação, a cultura e a formação escolar? Vivemos uma realidade cada vez mais midiaticizada, em que as tecnologias de comunicação e de informação ocupam e compõem os diferentes aspectos da vida cotidiana, da economia ao lazer, do trabalho às relações interpessoais, da circulação de mercadorias à educação. Então, como pensar as relações entre comunicação e educação sem considerar a intensa presença dos meios de comunicação na dinâmica sócio-cultural?

A “guerra” do significado e do sentido que atualmente todas as culturas experimentam não pode ser entendida desvinculada da

⁴ Fonte: <http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>. Acesso em 04/05/2010.

⁵ Fonte: <http://www.acesocom.com.br>. Acesso em 04/05/2010.



circulação informativa e dos significados e sentidos gerados e divulgados pelos MCM e propostos a nós todos enquanto membros de uma ampla e crescente audiência (GOMEZ, 2008, p. 58).

As tecnologias de comunicação e de informação são cada vez mais utilizadas como ferramentas de auxílio nos processos formais e não-formais de ensino e aprendizagem, porém, nem sempre elas são compreendidas para além do seu uso instrumental, ou seja, como suporte para uma operação pedagógica visando à transmissão de um determinado conteúdo. Negligencia-se o fato de que a televisão tem seu uso universalizado como meio de informação e de entretenimento fora do ambiente escolar, e que o acesso à televisão, é mais universalizado do que o acesso à própria escola. O que observamos é que há o desligamento entre o uso instrumental da televisão como ferramenta de apoio ao ensino e o seu consumo cotidiano como meio de comunicação. É exatamente nesse contexto cotidiano que a televisão se faz presente simbolicamente todos os dias nas escolas através do casal romântico da novela que emociona as meninas, através do bordão do programa de humor quando é repetido como brincadeira entre os amigos, do *visual* do mocinho do seriado, da sandália colorida da próxima estação que passa no comercial, da estampa na camiseta do adolescente com o personagem do desenho animado, da notícia sobre corrupção que deu no telejornal e que faz o jovem de dezesseis anos afirmar que não gosta de política, enfim, são muitas as formas pelas quais a cultura dos meios de comunicação permeia o universo escolar. O processo de recepção inicia antes de ligarmos a televisão e se desdobra após o contato direto com suas mensagens, pois o impulso para assistir a televisão está diretamente ligado às formas rotineiras de passar o tempo que são uma expressão da maneira como aprendemos a ser telespectadores (2008, p. 67).

O processo como nos formamos telespectadores também tem suas implicações no que se refere aos professores. Se de alguma forma os professores têm dificuldade em perceber a continuidade do consumo de televisão na escola ou não considerem este consumo como elemento positivo para o processo de ensino e aprendizagem, um fator importante, apontado por Gómez é o *estereótipo* que existe em relação aos meios de comunicação de massa, segundo o qual, apenas as mensagens consideradas instrutivas são recomendáveis para o uso pedagógico (2008, p. 67). Sabemos que a lógica da produção simbólica da televisão atende à lógica do espetáculo e da superficialidade. A televisão não explica nada, ela não mostra as coisas como resultados de processos ou

em construção, ela oferece respostas prontas e imediatas. Então, como se apropriar positivamente desse aspecto da mensagem televisiva? Acreditamos que o professor pode aproveitar as lacunas deixadas pela televisão e preenchê-las, mostrar que a explicação pronta e os fatos, geralmente descontextualizados, são partes de processos sociais, históricos, econômicos, culturais, naturais, etc. Assim, é possível re-significar um aspecto negativo e desenvolver uma nova experiência de recepção.

A sala de aula se configura como um espaço de socialização em que há a intersecção entre a cultura escolar e a cultura dos meios de comunicação.

Deve-se atentar [...] para o fato de ocorrer, hoje, na escola o cruzamento tanto das manifestações vinculadas ao discurso pedagógico formal – questões curriculares e de conteúdo mais específicos das disciplinas, por exemplo – como também das estruturas discursivas que, pelo menos na aparência, não fazem parte dos programas levados a termo pelos docentes e onde podem ser incluídas as linguagens da comunicação e das novas tecnologias.

[...] a sala de aula ganhou a condição de lugar onde ocorre ainda que de forma nem sempre visível e sistemática – uma complexa intersecção de ordens discursivas diversas e não necessariamente ajustadas ou complementares (CITELLI, 2000, p. 17-18).

Conhecer os processos de mediação entre o consumo de televisão dos professores e a sua prática pedagógica constitui o centro de nossa discussão. Neste contexto, buscamos refletir sobre as relações e os conflitos entre os conteúdos escolares, a cultura midiaticizada pela televisão e o cotidiano. Voltando nosso olhar para os significados sociais que a tecnologia e os meios de comunicação têm para além de sua apropriação instrumental na escola, podemos chegar à construção de novos olhares sobre o papel social das tecnologias, sobre a cultura midiaticizada, sobre a cultura escolar e sobre a própria realidade objetiva, a partir da qual se formam as experiências e as referências que determinam nossa percepção da esfera simbólica. O fenômeno social que pode articular as relações entre esses elementos e nos ajudar a pensar sobre as relações entre meios de comunicação, escola e cotidiano é o consumo audiovisual.

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse de objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 302).



Examinar o consumo da produção televisiva por parte dos professores pode nos ajudar a entender como estes sujeitos articulam ou excluem, no ambiente das suas salas de aula, os seus papéis de professor e de telespectador, de educador e de consumidor de bens simbólicos da indústria cultural. A articulação dos papéis de professor e de telespectador é essencial para a ocorrência de mediações que aproximem a experiência cultural dos educadores da experiência cultural dos educandos.

Conforme afirma Martin-Barbero (2007, p. 54), a sociedade atual vivencia um *ecossistema comunicativo* que tem como características o desenvolvimento de novas sensibilidades diretamente relacionadas às novas tecnologias, e que estas novas sensibilidades se expressão de forma mais evidente entre os jovens. A capacidade cognitiva e expressiva dos jovens tende a estabelecer relações menos conflituosas com a experiência cultural proporcionada pelas tecnologias, que implicam em novas formas de percepção do espaço e do tempo. E, nesse *ecossistema comunicativo*, há vários espaços de produção e de circulação de saberes que existem e se multiplicam independentemente da instituição escolar, cujas bases da sua produção e da sua reprodução social residem principalmente nas novas tecnologias de comunicação. Ainda conforme Martin-Barbero, seriam os jovens os principais agentes que movimentam o novo ecossistema. Entender e desenvolver as novas sensibilidades características da experiência cultural tecnológica constitui um desafio para os professores e para a instituição escolar.

As novas tecnologias são incorporadas mais rapidamente ao cotidiano dos jovens e também de seus professores do que à realidade escolar. Estas condições favorecem a formação de uma lacuna entre o consumo privado das tecnologias de comunicação e de seus conteúdos, e o uso dessas tecnologias na educação, porque o seu significado social é diferente num contexto e no outro, e principalmente porque estes contextos não dialogam ou dialogam muito pouco entre eles. Então, em lugar da articulação, temos predominantemente a exclusão dos papéis de professor e de telespectador entre si, na medida em que há o deslocamento do universo escolar para o universo social ou privado fora da escola e vice-versa. Além disso, a experiência cultural dos jovens com as tecnologias de comunicação é muito mais intensa do que a experiência de seus professores, o que contribui para aprofundar ainda mais a lacuna entre o cotidiano e a escola.



Diante do professor que sabe recitar muito bem sua lição, hoje, senta-se um alunado que, por osmose com o meio-ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes-mosaico, como os chamou A. Moles, porque são feitos de pedaços, de fragmentos, o que não impede os jovens de ter, com frequência, um conhecimento mais atualizado em física ou em geografia que seu próprio professor. Isso está trazendo para a escola um fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda de autoridade do professor, e não uma abertura para esses novos saberes (MARTIN-BARBERO, 2007, p. 55).

A escola, sobretudo a sala de aula, é um espaço que põe em contato as visões de mundo e os saberes de educadores e educandos. Os universos simbólicos destes sujeitos podem estar separados por relações hierárquicas entre aluno e professor, mas podem ao mesmo tempo estar próximos pelo compartilhamento dos significados da produção simbólica que eles consomem através da televisão e das mediações que podem ocorrer entre eles na sala de aula.

O diálogo media-escola, mesmo quando assimétrico, pode ser alimentado para dois objetivos importantes. Um, vinculado ao princípio da abertura do discurso pedagógico para os discursos das comunicações; outro, de inserção crítica da voz da diferença representada pela imposição sistematizadora e de produção de saberes que devem motivar e estimular o mundo da escola. Neste ponto de atração e resistência, adesão e crítica, existe um lugar privilegiado para que professores e alunos reflitam sobre o *slogan* publicitário, os programas de rádio, os noticiosos da televisão, enfim, a cultura videotecnológica (CITELLI, 2000, p. 18).

De um lado, a abertura da escola a outros discursos como o da televisão é importante porque o discurso das comunicações está presente no cotidiano de educadores e educandos, assim, para que a escola desenvolva novas estratégias para o seu próprio discurso, é preciso considerar as diferentes linguagens e saberes que compõem o universo simbólico de seus sujeitos para além dos saberes institucionalizados pela própria escola. Não se trata apenas de desenvolver competências para a utilização de novas tecnologias para o acúmulo de informações, mas, de pensar sobre o significado social da tecnologia, pensar sobre como seus discursos podem colaborar com o discurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem. Por outro lado, na medida em que haja o diálogo da escola com os meios de comunicação, há também a aproximação da educação escolar do cotidiano de educadores e educandos e de outros espaços de produção e de transmissão cultural. Aproximando as faces dessas diferentes esferas da vida social, haverá também a re-



elaboração de sentidos, tanto do saber institucionalizado pela escola, quanto dos próprios meios de comunicação e da sua produção simbólica, pois a reflexão sobre eles terá como base a própria realidade objetiva.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

GOMEZ, Guillermo Orozco. **Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos**. Comunicação & Educação, Brasil, v. 3, n. 10, 2008. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4368/4078>. Acessado em 03 mai. 2010.

_____. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. Comunicação & Educação, Brasil, v. 8, n. 23, 2008. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4520/4243>. Acessado em 03 mai. 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. **Desafios culturais da comunicação à educação**. Comunicação & Educação, Brasil, v. 6, n. 18, 2007. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860>. Acessado em 03 mai. 2010.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós pensamento**. Bauru/SP: Edusc, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Ensinando à televisão**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

UNESCO. O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam/ Pesquisa Nacional Unesco. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>. Acesso em 04 de maio de 2010.